

Insulas Periféricas e Reflexões: Investigação e a elaboração da exposição ‘{sobre} viver, {sobre} resistir e {sobre} libertar: ser hip-hop’

Alex Nogueira¹

Peripheral Islands and Reflections: Research and preparation of the exhibition ‘{about} living, {about} resisting, and {about} liberating: being hip-hop’

Introdução

A importância do tema que abrange os estudos e investigações acerca do assunto Hip Hop ganhou destaque entre meados e final dos anos 80 no Brasil² e em Portugal³. Inicialmente sendo difundido por filmes⁴ e por músicas e artistas como James Brown (1933-2006). Em outros casos, por vezes, sendo examinado ou estudado por um dos seus quatro elementos fundadores (Break Dancing, M.C, D.J ou Grafite) que possibilitou o encontro de dois pesquisadores acerca do tema na Universidade Lusófona e isso contribuiu para pensar uma possível exposição. Com o passar do tempo o movimento Hip Hop foi se ramificando nas periferias.

Inicialmente presente nas comunidades afrodescendentes e assimilado por outras comunidades, passando a questionar as autoridades locais, as epistemologias globais e a própria realidade a que estavam submetidos.

¹ Filósofo e pesquisador entre o Brasil e Portugal. Doutorando em Sociomuseologia na ULusófona. Investigador do CeiED e bolsiro de investigação no projeto -Corpos geradores: da agressão à insurgência. Contributos para uma pedagogia decolonial_ (2022.06269.PTDC). alex_nogueira@hotmail.com | <https://orcid.org/0000-0001-5929-972X>

² O Menelick 2º Ato / Nabor Jr. (s.d.). *O ritmo é nosso trazido de lá! Uma tarde break em 1984*. (relato + documentação de 1984, participação do **Funk Cia** e circulação midiática do **break**). <https://www.omenelick2ato.com/fotografia-e-cinema/o-ritmo-e-nosso-trazido-de-la-uma-tarde-break-em-1984>

³ É importante observar que contamos com poucos materiais escritos sobre este tema nas academias e universidades, mas a tradição oral incorporada ao meio digital possibilitou a criação de arquivos digitais com métodos distintos para rede a de memória de coletivos e movimentos como o Hip Hop que pudessem registar e contar a sua história. Assim é o caso dos dois documentários produzidos pelo artista e ativista social Uncle-C que se encontram disponível no Youtube em seu canal: Enciclopedia Hip Hop Volume 1 Completo. (20 de novembro de 2016.). **[Vídeo]**. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=1qL1pXcQ8VM> e Uncleciclopedia do Hip Hop Volume 2 [DVD Principal]. (20 de novembro de 2016). **[Vídeo]**. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=S6N9Cy4PODk>

⁴ São alguns filmes que contribuíram na cena: *Beat Street*. Direção: Stan Lathan. Estados Unidos, 1984. Filme; *Breakin’*. Direção: Joel Silberg. Estados Unidos, 1984. Filme; *Breakin’ 2: Electric Boogaloo*. Direção: Sam Firstenberg. Estados Unidos, 1984. Filme; *Wild Style*. Direção: Charlie Ahearn. Estados Unidos, 1983. Filme; *Style Wars*. Direção: Tony Silver. Estados Unidos, 1983. Documentário; *Krush Groove*. Direção: Michael Schultz. Estados Unidos, 1985. Filme; *Body Rock*. Direção: Marcelo Epstein. Estados Unidos, 1984. Filme; *Flashdance*. Direção: Adrian Lyne. Estados Unidos, 1983. Filme (*inclui sequência com breakdance*).

Sendo assim, o movimento se dinamizou e foi ganhando espaço nas comunidades periféricas, justamente por ser expressão cultural de suas vivências e realidades, sendo uma dinâmica, singular e potente das manifestações culturais afrodiáspóricas.

Por possuir uma raiz comum e partilhada com distintos territórios espalhados pela diáspora, mas também por possuir suas singularidades e especificidades locais, o movimento, dado a sua origem e marginalização do *modus operandi* cultural destas comunidades, passou também a significar, para além de múltiplas formas de expressão (dança, pixo, grafite), múltiplas formas de resistência ao sistema que o nega, assim como as suas populações, e inferioriza as suas práticas culturais e saberes.

Deste modo, é possível identificar no Hip Hop, enquanto movimento, duas formas de resistência pela existência: a primeira é a física e a segunda é a psíquica (não necessariamente numa ordem determinada e nem sempre separadas), mas sobretudo cultural. A primeira compreende as raízes diáspóricas que unem os distintos territórios que enfrentam situações de precarização, inferiorização e animalização sistémica.

Por ser sistémica, que se retroalimenta e naturalmente tende a perpetuar-se, participando do mesmo sistema económico e de estruturação sócio-productiva. O contorno da inferiorização e criminalização de existências culturais dissonantes da ordem dominante é a mesma, ainda que ganhem contornos diferentes, estes moldados pela singularidade e especificidade de cada território, no que refere-se a sua construção histórico, político e social, o que necessariamente recai na segunda forma, a singularidade e as distintas características locais que são produzidas.

Sendo assim, no segundo elemento, é possível identificar a força da denúncia das questões, contestações locais, da realidade vivenciada por cada grupo, o que revela a ligação do movimento com os problemas sociais contemporâneos, atreladas a sua própria existência no contexto sistémico, mas também, com os eventos e situações locais, de modo que, é possível identificar características comuns entre os movimentos, mas também, as suas especificidades e contornos que atribuem coloração local para as suas pautas.

Por estes motivos, a força do movimento Hip Hop, no que se refere a resistência para a continuidade de uma existência, reside na conectividade com outros núcleos territoriais, unidos pela diáspora e pela resistência, ademais, pela expressividade, como o retrato e a denúncia do modo de vida e das questões vinculadas aos locais e as regiões, contribuindo assim para a diversidade e o fortalecimento do movimento.

Destarte, como forma complexa de expressão, que não está restrita á música, mas envolve todo um contexto de ser e estar no mundo e na sociedade, o Hip-Hop torna-se uma forma de resistência, que se evidencia em certos casos pelas letras das músicas e suas batidas, que foram imediatamente associadas pelo outro, externo ao movimento e fora das “ínsulas periféricas”, carregado pelo preconceito estrutural e sistémico, às mazelas sociais, que na sua leitura apressada ou desinteressada, não relaciona ao modelo capitalista de exploração, mas ao modo de vida marginal, nesta perspectiva preconceituosa, associada as drogas, favela, violência e demais problemas sociais, normalmente atribuído a seres que continuam a ser vistos como socialmente inferiores, sendo constantemente animalizados e criminalizados pelas instituições que servem ao sistema e a ordem vigente assegurando os interesses dos grupos dominantes.

A associação ao crime e as transgressões, mas que no fundo possuem um carácter racial perpetrado pela hegemonia branca que associa a vida periférica ao mal e ilegal como a marginalização da pobreza, são propagadas e difundidas em televisões, rádios, mídias digitais e até em pesquisas académicas, que já sustentaram o racismo científico.

As mídias⁵ tiveram um papel importante na doutrina e domesticação das mente das populações com ampla ancoragem das instituições públicas, escolares, museais e inúmeros

⁵ Segue uma lista de alguns trabalhos que tratam do tema: CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS HUMANOS (CNDH). Relatório sobre violações de direitos em programas “policialescos”. Brasília: CNDH,

aparelhos que sustentaram discursos que promoveram, por exemplo, ações enérgicas do sistema de segurança pública que quiseram e querem combater a arte e a expressão periférica, tal como a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) dos Pancadões, implementado em na cidade de São Paulo em 2025 (Brasil) que, foi segundo Marcos Zibordi “criada para investigar possíveis omissões de órgãos públicos na fiscalização da perturbação do sossego gerada por festas clandestinas na cidade”, entretanto, conforme Thiago Torres Moura Santos, o Chavoso da USP “(...) pouco abordou esse tema (...) Em vez disso, concentrou-se em questões como criminalidade, uso de drogas e o conteúdo das músicas” (Zibordi, 2025).

Nesta comissão, constituída pelo poder legislativo municipal de São Paulo foram convidados a integrá-la vereadores e pessoas envolvidas no circuito funk como artistas e neste caso o investigador Thiago de Souza, (Thiagson nas Redes Sociais), doutor em música com seu objeto de pesquisa centrado no Funk que afirmou em entrevista que a comissão criava “um espetáculo midiático para associar o funk ao crime, porque isso gera engajamento fácil” (Zibordi, 2025).

Deste modo, o inquérito que nasce para investigar a ausência de fiscalização acerca do “sossego público”, em plena metrópole do século XXI, acaba por tomar outra direção, que permanece atrelada a criminalização e marginalização do funk e a produção de cortes em materiais áudio-digitais que pudessem beneficiar o discurso, premeditado de alguns políticos/influenciadores de direita, alimentando a base conservadora e majoritariamente de direita, nas redes sociais (Zibordi, 2025).

Um caso importante que nos é caro não pela exclusividade, mas pela recorrência de intimidação e criminalização das periferias foi o clipe “Isso Aqui É Uma Guerra” (1999)⁶, do grupo Fação Central⁷ alvo de forte repressão e censura nos anos 1990, acusado pelas autoridades de fazer apologia ao crime e incitar a violência. Com imagens cruas da realidade das periferias e letras que denunciavam a brutalidade policial e a desigualdade social, o clipe chocou setores conservadores da sociedade e acabou proibido pelo Ministério Público de São Paulo.

Em resposta às acusações, os integrantes do grupo resolveram participar de uma entrevista no programa de televisão da apresentadora Sonia Abrão, no programa que começava

2019. Disponível em: <https://www.plataformadh.org.br/wp-content/uploads/2019/08/relatorio-cndh-policialescos.pdf>

Acesso em: 11 out. 2025.

INTERVOZES; ANDI. Violações de direitos na mídia brasileira – Volume I. São Paulo: Intervozes/ANDI, 2015. Disponível em: https://intervozes.org.br/wp-content/uploads/2015/06/guia_violacoes_volumei_web.pdf

Acesso em: 11 out. 2025.

INTERVOZES; ANDI. Violações de direitos na mídia brasileira – Volume II. São Paulo: Intervozes/ANDI, 2015. Disponível em: https://intervozes.org.br/wp-content/uploads/2015/06/guia_violacoes_volumeii_web-1.pdf

Acesso em: 11 out. 2025.

ANDI – Comunicação e Direitos. Violações de direitos na mídia brasileira – Volume III. Brasília: ANDI, 2016. Disponível em: https://andi.org.br/wp-content/uploads/2020/09/guia_violacoes_voliii_web_0.pdf

PORTUGAL. ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA. Relatório sobre Racismo, Xenofobia e Discriminação (relatório ao Parlamento). Lisboa, 2019. Disponível em:

<https://app.parlamento.pt/webutils/docs/doc.pdf?Inline=true&fich=17f73051-c4ef-4b35-a785-c1b79f4fa0a2.pdf>

Acesso em: 11 out. 2025.

CONSELHO DA EUROPA — ECRI. Sexto Relatório sobre Portugal (tradução PT). Estrasburgo, 18 jun. 2025. Disponível em: <https://rm.coe.int/sixth-report-on-portugal-translation-in-portuguese-/1680b6668f>

Acesso em: 11 out. 2025.

⁶ Faixa 4 do álbum Versus sangrentos.

⁷ Link da entrevista: Dialético Souza. (2013,). *Facção Central na Sonia Abrão (Entrevista completa)* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=Jn4yEwcsyVQ> acesso: 11 de agosto de 2025

no início da tarde e que se propunha a tratar de questões de curiosidades e informações do cotidiano das pessoas famosas. O grupo defendeu a tese de que a obra é uma forma legítima de denúncia social, e não de exaltação ao crime, discurso defendido pelo jurista que se opunha à esta narrativa e dos policiais que compareceram no programa a título de convite da apresentadora, que deixou o episódio ainda mais estranho, marcado como um confronto direto entre a arte da periferia contra o sistema judicial e midiático, instituições da ordem sistêmica.

Escancarou os limites da liberdade de expressão no Brasil que de forma seletiva e não neutral, adota uma posição sobre o que pode ou não pode ser transmitido, baseado em estruturas construídas, reificadas, endossadas pelo sistema, e a serviço do próprio que corrobora com a colonialidade das mentes periféricas. A apresentadora Sonia Abrão ainda convida dois policiais que haviam feito o seu primeiro álbum de Rap, onde enalteciam o papel da corporação e que fizeram falas questionáveis sobre o trabalho do Fação Central.

Vale lembrar que essa ação ocorreu após o fim da ditadura militar no Brasil e ainda posterior a promulgação da Constituição de 1988 que consolida as leis 'cidadãs' e extingue a censura naquele mesmo ano.

Em 1997 o assassinato do jovem indígena Galdino Jesus dos Santos, do povo Pataxó Hã-Hã-Hãe, chocou o país ao expor o racismo e a violência de classe presentes na sociedade brasileira. Galdino dormia em um ponto de ônibus em Brasília quando foi queimado vivo por cinco jovens de classe média alta⁸, que alegaram tê-lo confundido com um morador de rua. O caso gerou revolta, mas também evidenciou como o sistema de justiça e a opinião pública tratavam com benevolência a violência praticada por elites, em contraste com a repressão dura e desproporcional imposta às vidas periféricas.

⁸ Naquela madrugada, cinco jovens de famílias ricas da capital acharam que seria engraçado atear fogo numa pessoa que dormia na rua. Um dos criminosos era filho de um juiz federal. Outro, enteado de um ex-presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Max Rogério Alves, Eron Chaves de Oliveira, Tomás Oliveira de Almeida, Antonio Novely e um menor de idade, todos de 17 a 19 anos, jogaram sobre Galdino um líquido inflamável e riscaram pálitos de fósforo. Enquanto a vítima era engolida pelas labaredas, o grupo fugia num Chevrolet Monza.

O menor envolvido era Gutemberg Nader de Almeida Júnior, hoje servidor concursado da Polícia Rodoviária Federal (PRF). Atualmente, aliás, todos os participantes na morte do indígena são servidores de órgãos como o Senado Federal e até mesmo o Tribunal de Justiça.

Os assassinos foram presos graças a uma testemunha que seguiu o carro dos rapazes até conseguir a anotar a placa. Eles foram detidos cerca de duas horas depois do crime. A polícia chegou primeiro na casa de Max, que dirigia o carro. Ele confessou o que tinha feito e conduziu os agentes até as residências de seus comparsas. Na delegacia, todos negaram a intenção de matar Galdino. Diziam que era para ter sido "uma brincadeira". Na época, a Polícia Civil decidiu investigar a participação deles em episódios semelhantes. No ano anterior, dois moradores de rua haviam sido incendiados nas mesmas condições do indígena.

Como era menor, Gutemberg cumpriu medida sócio-educativa. Em 2001, um júri popular condenou os quatro maiores de idade por homicídio triplamente qualificado (motivo torpe, meio cruel e uso de recurso que impossibilitou defesa à vítima). Eles foram sentenciados a 14 anos de prisão em regime fechado. Em 2002, porém, a 1ª Turma Criminal deu aval para que exercessem funções administrativas em órgãos públicos e voltassem para dormir no Complexo Penitenciário da Papuda. Depois, os assassinos de Galdino tiveram permissão para estudar em universidades fora da cadeia. Até que, em 2004, os rapazes conquistaram direito a liberdade condicional.

Hoje, os cinco são servidores concursados em diferentes órgãos públicos. Além de Gutemberg, que atua na Polícia Rodoviária Federal (PRF), seu irmão mais velho, Tomás Oliveira de Almeida, é técnico do Senado Federal, com remuneração básica de R\$ 21,4 mil, de acordo com a página de Transparência no site da Casa. Eron Chaves é agente de trânsito no Departamento de Trânsito do Distrito Federal (Detran-DF) e recebe salário bruto de mais de R\$ 15 mil, segundo a página de Transparência do site do governo do DF. Antônio Novely Vilanova é fisioterapeuta da Secretária de Saúde do Distrito Federal e também ganha mais de R\$ 15 mil por mês, conforme a mesma fonte. Já Max Rogério é analista do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios (TJ-DF) desde que foi aprovado em concurso para o órgão, em 2016. (O Globo, 2021)

Os jovens que assassinaram Galdino são filhos de juízes e pessoas influentes entre as elites. Camadas mais estratificadas e que carregam a combinação do privilégio diante dos seus membros.

Enquanto crimes bárbaros (como atear fogo às pessoas em situação de rua, o que não foi neste caso) como o de Galdino são relativizados, grupos como de Rap como o Facção Central eram criminalizados por denunciar, através da música, a violência cotidiana vivida nas favelas. O clipe “Isso Aqui É Uma Guerra” foi censurado e os integrantes do grupo foram perseguidos, ao retratarem uma realidade social de negligência, enquanto projeto ou não, da presença do Estado em tais questões.

Essa disparidade revela como a sociedade brasileira tem um histórico de combate desmedido e seletivo, onde a expressão artística da periferia é tratada como ameaça, enquanto a violência das elites é muitas vezes invisibilizada ou justificada. A arte promovida pelas elites é disruptiva e verdadeira, como podemos ver em falas como a do parlamentar Rubinho Nunes (vereador eleito pelo União e procurador da CPI contra os pancadões) que cita e compara artistas como Bach e questiona o valor desses e de suas músicas em relação ao funk, o que demonstra a falta de conhecimento e fragilidade acerca do que se pretende fazer com a CPI.

Poderíamos citar inúmeros casos para mostrar o descaso, desrespeito das autoridades e das elites quando se trata das comunidades periféricas. Entretanto o que nos parece ser mais substancial é que isso é um projeto articulado desde as invasões e aproveitado com a escravidão para enriquecimento das elites. A chacina da Candelária que ocorreu em 1993 no Rio de Janeiro⁹; o caso da favela Naval em Diadema (São Paulo) em 1997; a chacina no Cabula (Salvador) em 2015. Estes três casos emblemáticos repercutiram nacional e internacionalmente, sendo importante refletir e questionar sobre o estado de direitos e as condenações jurídicas as quais foram imputadas aos condenados, graças a pressão popular sobre as autoridades e mídias, e que mesmo assim levou algum tempo para os processos serem trabalhados e para a conclusão dos casos.

Consequentemente as autoridades públicas precisaram agir, mesmo que o resultado da ação tenha sido pontual, insuficiente, portanto, no que se refere a modificação das estruturas e do sistema, o que representa efetivamente a manutenção da repetição da barbara e violenta violação da dignidade e dos direitos humanos.

Casos como o assassinato do indígena Galdino Jesus dos Santos no Brasil, revela uma dinâmica que se repete em diversos territórios marcados pela desigualdade social, o racismo estrutural e a criminalização da pobreza, construída e reificada pelo sistema, assim como pelos grupos dominantes. Em países como os Estados Unidos da América, por exemplo, a agressão a Rodney King e, mais recentemente, de George Floyd, em ambos os casos cometidos por policiais, escancararam a repetição e a consequente manutenção da violência sistemática contra populações racializadas e periféricas.

⁹ Mortos na chacina do Jacarezinho sobem para 28. Ao menos 13 não eram investigados na operação.” El País Brasil — 07 mai. 2021; El País Brasil. (2021, 7 maio). **Mortos na chacina do Jacarezinho sobem para 28. Ao menos 13 não eram investigados na operação.** <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-05-07/maioria-dos-mortos-na-chacina-do-jacarezinho-nao-era-suspeita-em-investigacao-que-motivou-a-acao-policial.html>. Acesso em 3 nov. 2025.

O estado reconhece 121 mortos... Força-tarefa deve identificar mortos na operação até o fim de semana” (Alemão e Penha). Agência Brasil — 31 out. 2025; Agência Brasil. (2025, 31 outubro). **Força-tarefa deve identificar mortos na operação até o fim de semana.** <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2025-10/forca-tarefa-deve-identificar-mortos-na-operacao-ate-o-fim-de-semana>. Acesso em 3 nov. 2025.

Death toll of police raid in Rio doubles to 132, state watchdog says” (Alemão e Penha). The Washington Post — 28 out. 2025. THE WASHINGTON POST. Death toll of police raid in Rio doubles to 132, state watchdog says. **The Washington Post**, 28 out. 2025. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/world/2025/10/28/rio-alemao-penha-brazil-police-raid/>. Acesso em: 3 nov. 2025.

Na França, os protestos em bairros, comumente marginalizados, como os das periferias de Paris, também refletem o ressentimento acumulado por anos de exclusão, repressão policial e estigmatização da juventude negra, bem como dos imigrantes¹⁰.

Em Portugal, o caso recente de Odair Moniz¹¹, um homem negro, de origem cabo-verdiana que foi assassinado em 2024 durante uma abordagem policial, volta a expor o racismo institucional e a violência desproporcional sofrida por imigrantes e minorias nas periferias urbanas, em uma sociedade que diz não existir racismo¹²

Esses episódios, apesar de ocorrerem em contextos distintos, compartilham um padrão: o Estado e os meios de comunicação frequentemente minimizam ou justificam a violência quando praticada por elites ou autoridades, mas reprimem duramente manifestações culturais ou políticas que denunciam essas mesmas violências, como é o caso do grupo Facção Central no Brasil. Assim, forma-se um ciclo de invisibilização e criminalização, onde a denúncia se torna no elemento descredibilizado e possivelmente, criminal, e o agressor se confunde com o justiceiro, perpetuando um sistema de opressão que atravessa fronteiras.

Sendo as periferias fenômenos que espriam pelo mundo, seja enquanto periferia do sistema capitalista, em alusão aos autores cepalistas¹³, ou periferias urbanas, podemos supor que essas ações das autoridades também não estão isoladas ou que são selecionados os casos para selecionarmos os recursos que usaremos para enfrentar os problemas que surgirem¹⁴?

Insulas Periféricas e Resistência: Hip Hop

O fenômeno: periferia, se repete em muitos países e é objeto de estudo em diversas áreas e campos de investigação. Entre eles, destaca-se o trabalho do urbanista Abdou Malique

¹⁰ Reuters. (2025, 4 março). **French police officer should stand trial for murder of teenager, prosecutors say.** <https://www.reuters.com/world/europe/french-police-officer-should-stand-trial-murder-teenager-prosecutors-say-2025-03-04/>

¹¹ RTP. Polícia acusado de matar Odair Moniz começa a ser julgado. **RTP Notícias**, 22 out. 2025. Disponível em: https://www.rtp.pt/noticias/pais/policia-acusado-de-matar-odair-moniz-comeca-a-ser-julgado_n1692839. Acesso em: 3 nov. 2025.

¹² Em 14 de Junho de 2025 Mario Paracana Sociólogo escreve para o jornal Diário do Distrito em Portugal no Distrito de Setúbal na página opinião uma matéria sobre: Não existe racismo estrutural em Portugal. O texto de opinião assinado por Mário Paracana sustenta a tese de que não existe racismo estrutural em Portugal, ancorando-se sobretudo em argumentos **normativo-jurídicos** (princípio constitucional da igualdade; tipificação penal do discurso de ódio) e em exemplos históricos **externos** (EUA/Jim Crow, África do Sul/apartheid, Brasil pós-abolição) para circunscrever o conceito de “estrutural” a contextos com **segregação legal explícita**. A estratégia argumentativa é coerente, porém **reduz o problema à letra da lei**, assumindo que ausência de dispositivos legais discriminatórios implica, por si, ausência de **mecanismos institucionais** reprodutores de desigualdade; isso deixa pouco espaço para evidência **socioestatística** e para a análise de **processos** (discriminação indireta, viés institucional, efeitos cumulativos) que a literatura internacional utiliza para avaliar o caráter estrutural do racismo. O texto afirma não haver “evidência empírica” de discriminação sistémica, mas **não apresenta dados, desenho metodológico, nem fontes** que sustentem a alegação — o que limita sua força probatória no campo académico. (Paracana, M. (2025, 14 junho). **Não existe racismo estrutural em Portugal.** *Diário do Distrito (Opinião)*. <https://diariodistrito.sapo.pt/nao-existe-racismo-estrutural-em-portugal/>)

¹³ Neste aspecto, é fundamental considerar que a outrora chamada periferia do capitalismo é parte relevante do sistema produtivo e portanto, de manutenção do próprio sistema. Deste modo, a ideia de periferia funda-se na perspectiva na condição de estar a margem do poder efetivo de controle ou posição de significativo impacto no sistema, bem como da orquestração do poder económico e político no cenário internacional.

¹⁴ Agência Brasil. (2022, 9 dezembro). Roberto Jefferson vira réu por tentativa de homicídio contra policiais. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2022-12/roberto-jefferson-vira-reu-por-tentativa-de-homicidio-contra-policiais>

Simone, que pesquisou os *Southern Urbanisms*. A importância desse estudo está em indicar que as periferias possuem características muito particulares: cada uma delas pode ser associada a um organismo vivo, com complexidades próprias.

Simone é uma das vozes centrais do que se chama Southern urbanism(s) e estuda precisamente periferias/maiorias urbanas em cidades do Sul Global. Ele enfatiza improvisação, interdependências e arranjos coletivos — a famosa ideia de “people as infrastructure” (pessoas como infraestrutura).

A metáfora de que cada periferia é um “organismo vivo” captura o espírito de complexidade, variação e dinamismo que Simone descreve, mas não é o modo como ele formula. Ele fala mais em assemblagens, composições e experimentos cotidianos que excedem categorias urbanísticas convencionais.

O rótulo “Southern Urbanism” é também um campo/programa institucional (p. ex., na African Centre for Cities), do qual Simone é referência frequente; não é uma “escola” proprietária dele, mas um paradigma de olhar para cidades do Sul

Por mais que se assemelhem fisicamente, suas formas de organização e seus regimentos internos são singulares. Podemos compreendê-las como ecossistemas que possuem diversidade e apresentam componentes fundamentais para sua própria manutenção. A esse conjunto de características passamos a denominar de “Ínsulas Periféricas”.

O termo ínsula pode remeter tanto a uma ilha quanto à vida insular inserida nelas que, embora isoladas, não estão destituídas da possibilidade de trocas entre e para si. Seu “bioma” é complexo e, em muitos aspectos, subjetivo. A biodiversidade — com sua fauna, flora e formas de vida— funcionam de maneira singular e depende de clima, solo, topografia e altitude, além de inúmeros fatores que as tornam únicas e potencializando condições de troca e partilha. É nessa cooperação de “roda” que se produz a fartura necessária à vida envolvida neste meio.

Assim, chamamos de Ínsulas Periféricas aquelas comunidades que se distinguem por suas singularidades sociais e políticas, ainda que não necessariamente por critérios econômicos. Mas o nosso destaque vai de encontro para a narrativa de uma periferia que possuem vários atributos qualitativos e quantitativos e romper com os rótulos de periferia e marginalização; favelas e criminosos; guetos arruaceiros.

Esse carácter insular compreende também o isolamento estratégico que esses territórios estão destinados. A facilidade de seu mapeamento, de ações mais enérgicas das autoridades e do distanciamento das zonas com maior acesso a recursos políticos e econômicos, por consequência institucional.

Conforme citado na música “Periferia é periferia”¹⁵ do Rapper GOG, ela possui macro e micro similaridades com o bioma externo, mas é de dentro que se (re)conhece a sua realidade, sendo fundamental o mergulho radical e não superficial na sua vivência e processos, distintos em sua diversidade, mas também semelhantes diante as condições e estruturas sistêmicas, o que necessariamente requer a participação e o olhar interno, mas de modo simultâneo o olhar conectado e multirelacional com o externo, nacional ou internacional.

Segundo Milton Santos (1993) o crescimento econômico das metrópoles industrializadas e a falta de um planejamento social e urbano acabou por atrair pessoas que passaram a residir nas periferias onde “as grandes cidades, mais do que antes [são] o polo da grande pobreza” (Santos, 1993, p.11). O modelo rodoviário urbano¹⁶ foi fator de crescimento disperso e do espraiamento das cidades, elemento associado a expansão da produção industrial,

¹⁵ GOG. (1994). *Brasília periferia* [Música]. Em *Dia a dia da periferia* [Álbum].

¹⁶ Ver alguns autores como James Kunstler (1993) e Peter Calthorpe (2010) falam em modelo rodoviário norte-americano – para a bibliografia, títulos dos trabalhos “The Geography of Nowhere” e “A Próxima Metrópole Americana: Ecologia, Comunidade e o sonho Americano”. (autores negros Andrea Roberts e Karilyn Crockett – Crockett “People Before Highways: Boston Activists, Urban Planners, and a New Movement for City Making (2018)” e Robert “Remixing as Praxis: Arnstein’s Ladder through the Grassroots Preservationist’s Lens” (2018).

mas também a segmentação e distanciamento dos grupos ou classes sociais. Havendo especulação, há criação mercantil da escassez e o problema do acesso à terra e à habitação se acentua. Mas o déficit de residências também leva à especulação e os dois juntos conduzem à periferização da população mais pobre e, de novo, ao aumento do tamanho urbano. As carências em serviços alimentam a especulação, pela valorização diferencial das diversas frações do território urbano.

A organização do transporte obedece a essa lógica e torna ainda mais pobres os que devem viver longe do centro, não apenas porque devem pagar caro seus deslocamentos como porque os serviços e bens são mais dispendiosos nas periferias e isso fortalece os centros em detrimento das periferias, num verdadeiro círculo vicioso (Santos, 1993, pág. 96)

Logo, a partir deste excerto podemos concluir quem são os residentes dessas periferias e qual o motivo que os lança para aquele território. Filhos de migrantes, trabalhadores independentes e assalariados, desempregados, semialfabetizados e outros ainda sem alfabetização, são alguns exemplos do perfil do possível residente desses espaços que não estão no radar da especulação imobiliária, ainda.

O maniqueísmo entre periferia/centro, subdesenvolvido/desenvolvido compreendem uma estratégia hegemônica e ordenada. As ínsulas estão dentro dos continentes, ou seja, a cidade é a síntese entre periferia e centro uma vez que estão separadas, mas partilham parte do território. Assim identificamos a ínsula periférica urbana e o capital continental.

Sem acesso à aparelhos e equipamentos culturais, com pouca ou nenhuma chance de assimilar o ensino escolar, quando há escola e quando há aparelhos, cercado de urgências como não perder para a fome, crime, drogas e não compreender o que acontece ao seu redor já sendo vítima de olhares, nomes e perseguições. A vida na ínsula pode ser extremamente perigosa, mas é curioso como os não residentes podem alterar e comprometer todo o bioma. Uma vez que aquele que vive na ínsula não se propõe devastá-la

Contudo, o movimento Hip Hop tem papel importante e fundamental na vida dos povos periféricos. Trata-se de contribuir, denunciar, promover e conscientizar a população residente, para que essa promova o seu próprio desenvolvimento e sua autoestima, reconhecendo a sua história e origem, conscientização e como já foi dito, de denúncia, por meio dessa expressão cultural.

Hodiernamente, como um movimento, o Hip Hop está inserido na maioria das insulas periféricas que sofrem com as violências policiais, com o descaso e desinteresse das autoridades. Contudo os residentes das ínsulas intuía o desejo de rebelar-se contra a opressão que se materializou por meio do Hip Hop.

Coincidência, cruzar oceanos e ver que ao menos em alguns territórios ocidentais a história possui raízes próximas ou semelhanças? Se a nossa resposta for negativa, fica fácil entender por que o movimento Hip Hop só cresceu desde a sua fundação¹⁷. Seja com um dos seus pilares ou todos os seus elementos e daí seria possível encontrar o Hip Hop lá.

O perfil dos residentes das periferias também é vulgarmente conhecido e naturalizado por alguns jornalistas, sociólogos, antropólogos entre outros profissionais que possuem acessos aos meios de comunicação ou estão de grande evidência produzindo informações e podendo ser acessado pela população devido sua presença nos meios de comunicação. Desta forma,

¹⁷ “RAP”, de Chullage, articula uma poética de denúncia com cadência rigorosa, onde a palavra é arma política e arquivo de memória periférica. A produção minimalista enfatiza o flow e a métrica, deslocando o foco para o enunciado — estratégia coerente com o rap de intervenção em Portugal. O léxico convoca raça, classe e território como categorias indissociáveis, compondo uma crítica estrutural da cidadania desigual. Enquanto obra, consolida o lugar do MC como mediador de experiência social, convertendo a performance em pedagogia pública. Chullage – Official. (s.d.). *Chullage – RAP (Official Video)* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=HXeCELG7-xw> – acessado em 12/10/2025.

alguns destes intelectuais e cientistas assumem um pretensão e ambicioso, portanto equivocado papel de porta-voz das periferias, e na maioria dos casos não são pessoas fruto do meio, em sua maioria com as menores rendas ou baixos salários e com pouquíssima ou nenhuma estrutura ou infraestrutura em todos os sentidos que falam por si, mas são estes que serão alvejados e condenados sistematicamente pelos aparelhos de repressão.

Deste modo, segundo a história oral sustentada pelo NATIONAL MUSEUM OF AFRICAN AMERICAN HISTORY & CULTURE, o Hip Hop se origina da influência do Sound System e Dub na Jamaica, somado as técnicas que Kool Herc¹⁸ (1955) levará para Nova York nos Estados Unidos e consolidará nas suas “Party” (a primeira acontece em 11 de Agosto de 1973) e na “Ginga” com a sua irmã Cindy Campbell e os demais (B-Girls e os B-Boys). Novos avanços emergem com Grand Master Flash e suas técnicas nas Pic-Ups e nas falas dos M.C’s.

A promoção do lema pela Paz, Amor, União e Diversão como valores centrais, complementados por elementos como Conhecimento, Sabedoria, Compreensão, Liberdade, Justiça, Igualdade, Trabalho e Fé, princípios defendidos por Afrika Bambaataa (1957) são incorporados na fundação do Cultura do Movimento Hip Hop e difundido pela Zulu Nation fundada em 12 de novembro de 1973.

A força e resistência do movimento que está hora a margem e hora capturado por algum esquema capital, mas que se (re)faz e (re)nasce estrategicamente pelas suas linhas de fugas (Deleuze e Guattari, 1980) e as linhas de resistência (Foucault, 1985).

É por tudo isso que o movimento Hip Hop deve ser prestigiado, reconhecido e valorizado combatendo a epidermi. A partir desse movimento acreditamos na articulação que promove de forma potente o Hip Hop nas escolas, nas universidades, nas exposições e nos museus pelo seu carácter anticolonial e sua resistência de forma a cumprir com a práxis para a libertação das mentes e corpos dos povos periféricos (Fanon, 2005). Se pudermos reunir tudo isso ao mesmo tempo seria ainda mais interessante.

{Sobre} Viver, {Sobre} Resistir e {Sobre} Libertar -Exposição.

Em 2024, no âmbito dos Programas de Pós-Graduação em Sociomuseologia da Universidade Lusófona – Centro Universitário Lisboa, e como parte da componente curricular do programa de mestrado em Sociomuseologia, os estudantes de mestrado e doutoramento foram convidados a integrar um grupo de investigação com o objetivo de elaborar uma exposição sobre o movimento Hip Hop, a qual foi intitulada “{Sobre} Viver, {Sobre} Resistir e {Sobre} Libertar”.

A elaboração de exposições, constitui atividade de exercício e prática dos elementos teóricos estudados e discutidos durante o primeiro ano do mestrado em sociomuseologia. Neste sentido, somando os esforços e em espírito colaborativo, sobretudo, ao considerar que no programa de doutoramento e de residência científica, havia estudantes que estavam desenvolvendo investigação referente a temática, estes e os demais colegas foram convidados pelos Professores Adel Igor Pausini¹⁹ e Mário Moutinho²⁰ a integrar a equipe.

A sugestão do tema, partiu dos professores que também pretendiam promover a integração entre estudantes e o exercício da teoria e prática no âmbito da sociomuseologia. Naquele mesmo período, o professor Mário Moutinho estava responsável pela supervisão do

¹⁸ Ver CHANG (2005); HEBDIGE (1987/2005); Smithsonian NMAAHC, *Hip-Hop Origins* (s.d.); e *The Cambridge Companion to Global Rap* (2024), cap. “A History of Sound System and Emcee Culture”, sobre a transferência de práticas dos **sound systems** (toasting, *version/dub*, ênfase no *break*) para as festas do Bronx via **DJ Kool Herc**.

¹⁹ Diretor do Programa de Mestrado em Sociomuseologia e Coordenador Pedagógico do Departamento de Museologia.

²⁰ Diretor do Programa de Doutoramento em Sociomuseologia e Diretor do Departamento de Museologia.

intercambio²¹ da doutoranda Giovanna Silveira Santos²², enquanto o professor Adel Pausini conduzia a orientação do doutorando Alex Silva Nogueira²³, ambos investigadores em formação interessados no movimento Hip-Hop.

Durante uma reunião de supervisão, os professores convidaram Giovanna a colaborar com a curadoria da exposição e a mesma convidou o investigador Alex e ambos, posteriormente, por decisão dos demais membros da equipe curatorial, assumiram a coordenação do projeto.

A equipe de curadoria da exposição foi composta por mestrandos e doutorandos da turma 2023/2024 do Departamento de Museologia: Adriana Coloma Santos, Analdina José Satchikumbo, Beatriz Coelho, Marisa Bueno, Patricia Barbosa, Stevan Francis Lekitsch e Zenaida Chantre. A supervisão do projeto ficou a cargo da coordenação pedagógica, que pode contar nas primeiras reuniões com o apoio do Professor Luis Henrique Garcia²⁴, que naquele período estava em Lisboa realizando intercâmbio de pós-doutoramento, sendo investigador interessado no património cultural, música popular, memória e museologia, elementos de evidente convergência com o projeto, o qual segundo Moutinho, possuía temática que exercia crescente fascínio por este movimento cultural, com destaque para o Rap, que, segundo o Professor Mário Moutinho, tratava-se “das novas canções de resistência desde o 25 de abril” . Essa visão fomentou o interesse por um aprofundamento teórico e expositivo sobre o Hip Hop, valorizando suas dimensões sociais, políticas e culturais.

Em decorrência da temática e do trabalho que estava em curso, o projeto expositivo ainda contou com a integração do projeto: AGRRIN – “Corpos Geradores: da agressão à insurgência, contributos para uma pedagogia decolonial”²⁵ financiado pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia²⁶, o qual possuía como investigadora principal a Professora Judite Primo, coordenadora de equipe a qual também integravam Adel Pausini, Alex Nogueira, Mário Moutinho, Ana Rita Alves e Lucas Augusto da Silva.

O projeto ainda contou com o apoio da Cátedra UNESCO – Educação Cidadania e Diversidade Cultural e da unidade de investigação e desenvolvimento ligado à Universidade Lusófona, o Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento (CeIED).

Destaque para o Programa de Pós-Graduação de Museologia combinados o CeIED fortaleceu os ideais para uma exposição potente que marcou presença neste território através dos outros elementos que envolvem as atividades de fomento da mesma, como: da ReLeCo (Comunidade de Investigação) 2. Memória, Cidadania e Sociomuseologia, que se vincula ao movimento hip-hop por meio de denúncia, contestação, expressão cultural e militância

Cabe mais um destaque ao AGRRIN que promoveu uma investigação junto à comunidade local portuguesa e estreitou laços com membros do movimento, tencionando o

²¹ Intercâmbio financiado pela CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, órgão vinculado ao ministério brasileiro da educação. (verificar)

²² Doutoranda do Programa de Antropologia da Universidade Federal de Goiás (UFG), com orientação da Profa. Doutora Camila Moraes de Azevedo Wichers Co-orientação do Professor Mario Moutinho, na Universidade Lusófona.

²³ Doutorando do Programa de Sociomuseologia da Universidade Lusófona – Centro Universitário de Lisboa.

²⁴ Professor da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais.

²⁵ O AGRRIN (Referência: 2022,06269.PTDC. DOI: 10,5449/2022,06269.PTDC) é um projeto de investigação reconhecido e financiado pela FCT, por meio do Concurso de Investigação e Financiamento de todas as áreas científicas de 2022, sendo aprovado na área científica das Ciências Sociais, pelo Painel de avaliação de Ciências da Educação e o CeIED – Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação.

²⁶ É a principal agência pública portuguesa de financiamento à pesquisa científica, tecnológica e de inovação, vinculada ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior de Portugal.

debate racial e suas faces, seja ele velado, disfarçado ou escancarado, por parte da sociedade portuguesa e nesse caso, lisboeta²⁷.

Processos Epistêmicos Para A Construção Da Exposição.

As propostas para os trabalhos iniciais se deram com os coordenadores apresentando algumas propostas aos pesquisadores e que eles usassem inicialmente, como referência, o trabalho da doutoranda Giovanna que ao menos desde o mestrado, vinha dedicando-se a investigação acerca do movimento Hip Hop que possui grande força e conta com um mapeamento importante sobre pesquisas que tratam o tema do Hip Hop na região e que fez um grande estudo historiográfico e da relação da pesquisadora com o movimento pelo viés antropológico.

Tratou-se de um primeiro encontro da construção da sensibilização para o tema, a música e a expressão cultural e política do movimento, um lastro que pudesse permitir um ponto de partida para todos os envolvidos na pesquisa. Os pesquisadores possuíam alguma familiaridade com o tema e conheciam pessoas envolvidas no movimento, algumas pesquisas e produções artísticas sobre o Hip Hop.

Contudo, nos encontros que sucederam houve uma alteração previamente acordada pelos coordenadores, influenciados pela metodologia afroreferenciada que nos orienta valorizar as epistemologias periféricas e onde indicamos que daquele momento em diante iríamos nos evadir das literaturas acadêmicas e voltar-nos-íamos para uma investigação que valorizasse outros meios de partilhar a informação.

Trata-se de uma estratégia que pudesse privilegiar as histórias orais, os filmes, os documentários, as falas de artistas e as próprias produções artísticas bem como os depoimentos de pessoas de relevância para o Hip Hop. Deste modo, o campo e a revisão bibliográfica foram realizadas em conjunto, o que apenas foi possível, após a compreensão geral da temática a partir da dissertação da Giovanna Silveira Santos, *Contra narrativas periféricas: o movimento Hip Hop como agente de memórias defendida em 2021 no Programa de Pós Graduação em Antropologia junto a Universidade Federal de Goiás*.

Acreditamos que esse foi o nosso primeiro ato de insurgência diante de um projeto tão importante para a memória deste movimento e para podermos identificar outros saberes e apresentarmos outras referências e fontes que transcendam a academia.

Essa decisão não foi imposta, mas articulada com a equipe que acolheu a proposta, em ambiente de construções negociadas e acordadas, a despeito do custo em relação ao tempo alargado para a tomada de decisões, o que em alguma medida impactou na celeridade dos processos. Oriundo dessa escolha, algumas inquietações emergiam como: dúvidas referentes a aceitação da própria academia e dos supervisores pela nossa escolha metodológica, distante dos códigos acadêmicos como algumas literaturas e percursos escolhidos.

Outro ato que merece destaque se dá pela busca de articular com parceiros e parceiras da comunidade para construir as narrativas que fizeram parte dessa exposição. Pessoas do meio e do cenário, de acordo com sua região e localidade foram fundamentais para este projeto como: Carlos Mean que nos acolheu desde o princípio junto com o Rapper Rico (o Francês); Juana Da Rap com letras fortes e simpatia; o coletivo UAI Imigrantes (Rap Também é Arte) que tem difundido a cultura em Lisboa; membros do Vida Justa como LBC que é um nome importante no cenário e um dos primeiros artistas do movimento e como Ricardo que é um ativista e jovem de enorme potência para a vertente política e difusor de epistemologias raciais; de outro lado

²⁷ O Projeto AGRRIN estrutura-se em torno da identificação das desigualdades decorrentes dos processos de racialização, tendo como campo de análise e investigação o território português. Que compreende o racismo distante do seu cotidiano e das suas práticas e, novamente sobre o AGRRIN “partem da compreensão da Educação em sua dimensão decolonial e de como ela pode promover processos que permitam a superação das desigualdades” que visa “promover uma compreensão crítica da realidade social. (AGRRIN, 2022)

contamos com contribuições de Nelson Triunfo e seu filho Jean Triunfo que fizeram inúmeras conexões e estreitaram pontes para nós, agradecemos a atenção dos gestores da Casa do Hip Hop em Diadema (São Paulo – Brasil) sempre pronto para nos atender. São alguns nomes que destacamos nesse processo, dentre outros sumamente importante. Queremos ressaltar a importância da comunidade que de forma direta ou indireta esteve presente neste processo.

As nossas reuniões internas foram democráticas de forma *absoluta*. Um espaço de participação e escuta levando em consideração as diversas questões como fuso horário, pois éramos uma maioria de pessoas em trânsito entre Brasil/Portugal, Angola/Portugal, Cabo Verde/Portugal e Equador/Portugal. As reuniões aconteciam entre as segundas-feiras ou terças-feiras com agendamento prévio para que todos pudessem participar. Devido a demanda inicial as nossas reuniões foram semanais com início em 27 de maio de 2024, todas registradas em ata.

As nossas primeiras reuniões internas visavam discutir e debater inicialmente o tema e cada um poderia, caso houvesse interesse, trazer contribuições, apresentar as dúvidas e efetuar propostas. Esses encontros serviram para trocarmos informações e alimentarmos nossos espíritos, o que contribuiu para uma profusão de ideias.

Com o avançar dos primeiros três meses os encontros passaram a ser entre cada quinze dias e ainda seguiam o agendamento prévio. Essa mudança nos colocou em um contato mais intenso por *plataformas de comunicação*. Para facilitar o acesso da equipe aos materiais, utilizamos o *Drive do Google* para armazenar os documentos como: atas, livros, artigos, filmes, curtas, documentários, fotos, artes pinturas. Contamos com as redes sociais para nos comunicar com questões emergenciais e dúvidas.

No mês de setembro os professores apresentaram um calendário que nos indicaria uma data para a entrega de uma parte da exposição. Essa data era em meados de dezembro para ser analisado o processo e parâmetros técnicos referente aos trabalhos executados até ali. Essa urgência fez com que o grupo precisasse agir com maior agilidade e foi preciso redefinir dias de encontro para que pudessemos cumprir com os novos prazos.

A exposição esteve na abertura da XVI Semana de Sociomuseologia, que ocorreu na Universidade Lusófona entre os dias 11 a 22 de fevereiro de 2025, assinalando o início do ano letivo dos programas de doutoramento e mestrado em Sociomuseologia. Em paralelo, também foi realizada entre 13 e 14 de fevereiro de 2025, no mesmo evento a II Conferência Internacional de Museologia Social - SOMUS “Perspectivas da Museologia Social para o Código de Ética do ICOM”.

Os membros, organizadores e convidados para o evento tiveram acesso e contato com a exposição. Uma fala inaugural sobre a exposição e no decorrer do evento foi feita pelos membros envolvidos na curadoria que se propunha evidenciar e compartilhar alguns elementos da exposição. Em simultâneo era possível ver o vídeo produzido pelos membros da equipe (supervisão e direção de Marisa Bueno; Gravação de Áudio: Adriana Coloma Santos; Vozes: Patrícia Barbosa e Alex Silva Nogueira), que se encontra disponível no Youtube com o título: Exposição Ser Hip Hop: {SOBRE} Viver, Libertar e Resistir, através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=nvxi-XzNZvc&t=4s>.

Sobre os Núcleos de Investigação e Calendarização

As tarefas foram definidas e escolhidas de acordo com as habilidades, interesses e experiências de cada investigador, contribuíram para o estreitamento entre ínsulas mais alargadas pela distância territorial (contato entre membros de nacionalidades distintas e até de realidades diferentes dentro do mesmo país). O conceito gerador foi fundamental para que pudessemos avançar nas decisões em relação aos trabalhos e os responsáveis por cada setor. Por sugestão da de alguns membros da equipe, a exposição foi dividida em núcleos, sendo que a equipa de investigação considerou e dividiu em três núcleos que encabeçam o título da exposição: “{Sobre}viver, {Sobre}resistir e {Sobre}libertar: ser Hip Hop”. Cada um dos membros

que foram designados para estes núcleos produziram pesquisas acerca do tema sob a orientação dos coordenadores.

Na reunião do dia 1 de junho de 2024 foi apresentada uma proposta sobre a imersão áudio/visual para que pudéssemos promover outro tipo de experiência além do visual. Decidimos seguir os princípios de uma museologia social participativa, acolhedora e preocupada com a acessibilidade.

Inserimos 3 tipos de QR-codes: o primeiro Qr-Code serviu para que as pessoas pudessem ouvir uma playlist durante a visita que trazia rap, trap, funk indicado pelos pesquisadores que escolheram as músicas a partir da investigação; um segundo QR-code com textos na íntegra, fotos e vídeos foram disponibilizados na exposição e; o último QR-code sobre as referências bibliográficas e fontes consultadas para e durante a pesquisa. Sem saber, os visitantes estavam perfazendo os nossos passos para a pesquisa e execução daquela exposição.

Em outra reunião, no dia onze de junho ficou definida as investigações e os responsáveis por cada um dos núcleos à serem estudados: pesquisas acerca do desenvolvimento do Hip Hop no seu país de origem; Hip Hop: gentrificação e imigração; Hip Hop e os países que falam a língua portuguesa/espanhola; Hip Hop e ações educativas; Hip Hop e as interseccionalidades (questões de género, cor e a comunidade LGBTQIA+): coletas de depoimentos sobre o movimento e sua história dentro do Hip Hop; entrevista com artistas, investigadores, profissionais e pessoas envolvidas no meio,

A exposição que aconteceu no *hall* de entrada da Biblioteca Victor de Sá, ao lado do auditório Professor José Araújo, que receberia a XVI Semana de Sociomuseologia em 2025, e a IIª Conferência Internacional do SOMUS-ICOM, *ambos no Palácio de Santa Helena*.

Surgem então novas demandas e novas tarefas para outros núcleos a serem definidos pela afinidade com o que podem produzir. Tratava-se da produção do texto que foi para a exposição e que compreenderá a narrativa da exposição; as escolhas das imagens; as definições expográficas; a criação e manutenção de um acervo digital que teria no seu fim a reprodução de uma exposição digital igual que reaproveitou os painéis da exposição física. Ainda pensamos e discutimos as plataformas que deveríamos usar para a produção dessa exposição.

Conseguimos concluir os trabalhos no final de dezembro e submetemos para a análise do conselho científico, conforme o calendário letivo em Portugal, onde o período de recesso é uma janela entre o dia 23 de dezembro com o retorno previsto para a primeira semana de janeiro.

Dessa forma, mesmo com certo atraso, que se origina de trabalhos democráticos e participativos, conseguimos cumprir com o processo de revisão e submetemos a exposição para que essa pudesse ser avaliada e impressa.

A exposição digital ficaria pronta ainda na primeira semana de fevereiro devido a compra e liberação de verba para a aquisição da plataforma que utilizamos para produzir a exposição.

Essa exposição foi montada em 25 painéis de 80 X 55 centímetros. Após a impressão das laminas estaríamos autorizados a montar a exposição um dia antes do evento.

Ao todo foram 25 painéis expostos: 8 painéis ficaram em 4 cavaletes cedidos pela universidade e os demais foram colocados nas paredes e colunas do hall do auditório, orientados pela linha cronológica proposta pela linha de pesquisa e corpo curatorial.

A proposta de uma exposição itinerante e que pudesse percorrer outros territórios foi uma ideia proposta pela equipe de supervisão deste projeto. Essa itinerância ocorreu em dois momentos naquele ano: o primeiro evento foi O Rap Português em Cena: Sobreviver: Viver, Libertar. Resistir”, realizada no Fórum Liberdade e Pensamento Crítico do Liceu Camões (Lisboa) em 6 de maio de 2025; e o segundo foi no evento de 15.º Encontro de Investigadores/as do CeIED que aconteceu no dia 10 de julho de 2025 e a Comissão Organizadora nos convidou para levar a exposição e fazermos uma visita guiada no dia da abertura do encontro.

Considerações Finais

A exposição não se propôs em estudar o caso do Hip Hop em um país específico ou por uma historiografia normativa, mas analisar os fluxos migratórios (elemento constituinte da promoção do evento no dia 11 de Agosto de 1973, quando o movimento ganhou sua primeira atividade do gênero); a presença dos corpos, mentes e saberes locais do Hip Hop; da história e do desenvolvimento do Hip Hop entre as nações envolvidas, segundo as orientações anteriormente definidas e; na evidenciação da importância dos papéis dos diversos agentes que insurgiram e insurgem, resistiram e resistem pela memória e tradição de todos os envolvidos nesse movimento.

As táticas que afastaram os povos periféricos do *seu lugar de direito* é um projeto do Estado através da canalização e centralização para si dos instrumentos, das técnicas e das instituições (Silva Nogueira, 2018), que foram geridas para atender os interesses de algumas famílias, perpetuando os seus descendentes no poder. Em sustentação dessa narrativa, criou-se todo um sistema de culpabilização dos residentes das ínsulas periféricas pela sua condição com a justificativa de que sua desgraça consiste no desinteresse e que pela confiança numa sociedade democrática, não deveriam mudar a sua realidade por não serem merecedores e não se esforçarem, contribuindo para a epidermização apontada anunciada por Fanon (2008).

Para nós investigadores e parte deste movimento, essa exposição foi um ato de insurreição por parte de todos os envolvidos. Em algumas consultas na internet não nós foi possível identificar uma exposição com o tema Hip Hop em Portugal até o ano de 2024 quando no Museu da Cidade em Almada aconteceu a exposição temporária com o título: Filhos do Meio, Hip Hop à Margem²⁸ (inaugurada em 26 de outubro de 2024) que contava a história do movimento Hip Hop na Margem Sul e a presença, entre outros, da comunidade cabo-verdiana que cantava na língua de origem e isso reformulou e acentuou a força das comunidades racializadas residentes em Portugal.

As exposições possuem pontos de convergência com as temáticas referentes aos corpos racializados e na valorização dos seus feitos; o debate político e social sobre o papel do movimento e migração.

Mas queríamos reunir em nossa exposição, as diversas minorias presentes nesse movimento e colocamos as nacionalidades dos envolvidos na pesquisa e em evidência e o Hip Hop Tuga (como é chamado o Hip Hop português em Portugal e feito pelas comunidades dos PALOPS imigrantes e seus descendentes nascidos em terras lusas), escolhemos denunciar o racismo, a LGBTQIPAN+fobia e machismo que envolvem não só fora, mas dentro do movimento. Exploramos o Hip Hop articulado pelas comunidades Indígenas em especial contribuição da presença do movimento no Equador.

Demonstramos a força do RAP ao observar a quantidade de visualizações da música de maior popularidade em Portugal (que é o fado) e analisarmos e indicarmos que uma das músicas mais tocadas no Youtube, por exemplo, era da Rapper Nenny (Marlene Fernanda Cardoso Tavares e uma artista racializada e filha de pais migrantes) que alcançou com a nona música, intitulada Bússola, do seu álbum Aura de 2020 pouco mais de 12 milhões de visualizações em uma única plataforma de streaming.

Observamos que a exposição ficou montada do dia 10 até o dia 23 de fevereiro e o número e logo nos primeiros dias observamos um pouco mais de 100 acessos na nossa playlist, para ouvir as músicas. Suspeitamos que esses acessos foram feitos pelo QR-code e é possível que alunos, funcionários e transeuntes os tenha utilizado para acessar. Isso nos indica uma outra possibilidade acerca da terma da exposição que pode ter contribuído para uma aproximação da comunidade local.

²⁸ Câmara Municipal de Almada. (2024). *Filhos do Meio – Hip Hop à Margem* [Exposição]. Museu de Almada – Casa da Cidade, Almada, Portugal, 26 outubro 2024–12 abril 2025. <https://www.cm-almada.pt/museus/filhos-do-meio-hip-hop-a-margem>

Ainda sobre o dia da abertura e os dias que se sucederam observamos que alguns alunos, convidados e profissionais sobre músicas e artistas que estiveram na exposição, bem como a livre associação através de memórias que fizeram parte de algum momento em sua vida foi memorável e isso não se deteve somente entre os jovens de vinte poucos anos, mas atravessou algumas fronteiras e quando não convidou aqueles que diziam não perceber muito sobre o rap, mas recordou as músicas de protesto de seu tempo e partilhou sobre os eventos ocorridos naquela altura. Outros lembravam das famílias que ouviam James Brown e faziam alguns passinhos.

A presença de artistas e ativistas - migrantes, corpos racializados, a comunidade LGBTQIA+, mulheres, ex-presidiários e comunidades indígenas e o sul global em um espaço de destaque com financiamento e integrado ao espaço acadêmico possibilitou discussões, incômodos e encontros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Câmara Municipal de Almada. (2024). *Filhos do Meio – Hip Hop à Margem* [Exposição]. Museu de Almada – Casa da Cidade, Almada, Portugal, 26 outubro 2024–12 abril 2025. <https://www.cm-almada.pt/museus/filhos-do-meio-hip-hop-a-margem>

Deleuze, G., & Guattari, F. (1995). *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia 2* (E. Cesar et al., Trans.). São Paulo: Editora 34. (Obra original publicada em 1980)

Fanon, F. (2005). *Os condenados da Terra* (E. Rocha, Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas* (S. R. Ribeiro, Trad.). Salvador: EDUFBA.

Foucault, M. (1985). *História da sexualidade: Vol. 1 – A vontade de saber* (12ª ed.). Rio de Janeiro: Graal. (Obra original publicada em 1976)

Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). (2023). *Expografia – Programa Saber Museu*. Brasília: Ibram. Recuperado em 30 setembro 2025, de <https://www.gov.br/museus/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas-projetos-acoes-obras-e-atividades/programa-saber-museu/temas/expografia>

National Museum of African American History and Culture. (n.d.). *Hip-Hop Origins*. Washington, DC: Smithsonian. Retrieved October 22, 2025, from <https://www.searchablemuseum.com/hip-hop-origins>

Nogueira, A. S. (2018). *De São Paulo à Olinda: Da emergência à fixação da filosofia no Brasil* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de São Paulo). Repositório UNIFESP. <https://repositorio.unifesp.br/items/8f1547fd-11c6-4063-9cd3-9a94874cbeeb>

O Globo. (2021, 2 setembro). *Foi só uma brincadeira: o assassinato de Galdino Pataxó, queimado vivo enquanto dormia na rua*. Blog do Acervo. <https://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-acervo/post/foi-so-uma-brincadeira-o-assassinato-de-galdino-pataxo-queimado-vivo-enquanto-dormia-na-rua.html>

Pausini, A. I. (2019). *Escola Nova e Leontina Busch: Museus escolares e museus histórico-pedagógicos no Estado de São Paulo entre as décadas de 1930 e 1970*. *Cadernos de Sociomuseologia*, 58(14), 129–157. <https://doi.org/10.36572/csm.2019.vol.58.06>

Santos, G. S. (2021). *Contranarrativas periféricas: O movimento hip hop como agente de memórias* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Goiás). Repositório UFG. <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/9271cf1b-4b5d-4dcc-8c9b-403b8a532062>

Santos, M. (1993). *A urbanização brasileira* (2ª ed.). São Paulo: Hucitec.

Simone, A. (2023, May 5). A reframed understanding of urbanism in the Global South with Professor AbdouMaliq Simone. Georgetown Journal of International Affairs. <https://gjia.georgetown.edu/2023/05/05/a-reframed-understanding-of-urbanism-in-the-global-south-with-professor-abdoumaliq-simone/>

Universidade Lusófona & CeIED – Centro de Estudos Interdisciplinares de Educação e Desenvolvimento. (2022–). AGRRIN — Corpos Geradores: Da agressão à insurgência. Recuperado em 20 setembro 2025, de <https://www.ceied.ulusofona.pt/pt/investigacao/projetos/agrrin-corpos-geradores-da-agressao-a-insurgencia>

Universal Zulu Nation. (n.d.). Home. Retrieved November 3, 2025, from <https://www.zulunation.com/home/>

Zibordi, M. (2025). Na reta final, CPI dos pancadões deu palco a convidados e não ouviu funkeiros em SP. Terra. <https://www.terra.com.br/visao-do-corre/pega-a-visao/na-reta-final-cpi-dos-pancadoes-deu-palco-a-convidados-e-nao-ouviu-funkeiros-em-sp,c33e4170d082b0c67ffa5680079967f8ng6ne46u.html>